



REPRESENTAÇÃO DA CRIANÇA NO CONTO “AS MÃOS DOS PRETOS”, DE LUIS BERNARDO HONWANA

Autora: Luiza Benício Pereira
Orientadora: Prof.^a Dr.^a. Rosilda Alves Bezerra

Universidade Estadual da Paraíba – luizabenicio14@gmail.com
Universidade Estadual da Paraíba – rosildaalvesuepb@yahoo.com.br

Resumo: A literatura Africana é alvo de diversos estudos e muitos pesquisadores dedicam-se sobre suas obras, as quais, em sua maioria apresentam questões relacionadas ao racismo, preconceito, colonização e etc. Assim, foi no contexto social e político de colonização portuguesa sofrida pelos negros, ocorrida em Moçambique que o autor Luís Bernardo Honwana publicou sua obra: *Nós matamos o cão tinhoso* no ano de 1964, o conto “As mãos dos pretos” compõe a coletânea dos sete contos contidos na obra referida. Nesse sentido, o objetivo desse estudo é analisar a figura da criança presente no conto, a qual possui inquietações e encontra-se disposta a solucionar suas indagações, para isso, o menino busca diversas versões, iniciando pelo professor e terminando com a própria mãe, nessa trajetória traçada pelo garoto, inúmeros discursos são transmitidos, versões que retratam o racismo, a religião, o processo de colonização sofrido pelos negros, bem como, encontra amorosidade da mãe ao criar um elo entre o sofrimento e a igualdade referentes às cores brancas das mãos. Assim, a criança contém perguntas impactantes que constituem a história de seus antepassados e sua própria história, sem perder o encanto pelas descobertas e pela sua infância, fato verificável no ato de jogar bola, descrito no fim do conto. Nessa perspectiva, esse estudo justifica-se pela necessidade de refletirmos sobre a criança, o racismo incluído no conto e os impactos causados pela colonização, proporcionando o sofrimento dos negros. Assim, faremos uma análise do discurso que permeia no conto, juntamente com uma revisão de literatura pautada em estudos que auxiliem na análise acerca do que propomos, como: Mata (2014), Cardoso (2013), Du Bois (1999), Fanon (2008), Laranjeira (2000).

Palavras-chave: Identidades, Moçambique, Colonialismo, Racismo.

INTRODUÇÃO

A literatura africana apresenta em seus escritos conteúdos indispensáveis para diversas discussões, são relatados temas como: racismo, guerras do período colonial, história de superação e amor, ou seja, diversas temáticas que envolvem o leitor e destaca a reflexão acerca de temas que, muitas vezes, são minimizados em discussões teóricas.

Dessa forma, é preciso refletir sobre as questões africanas, as quais apresentam relevâncias, pois abrangem conteúdos que necessitam de estudos e visem mostrar o mundo africano além do que alguns sujeitos enxergam, limitando-o a definições de fome e miséria, nesse sentido, cabe salientar os inúmeros aspectos culturais que a literatura africana expõe através de suas obras.

De acordo com Cardoso (2013), os escritos literários são essências e permeiam no meio social no qual o texto tornou-se idealizado, em relação às questões culturais,





VII ENLIJE

salientar, que ela passa por um processo de composição e recomposição internamente, dentro das alterações que ocorrem na sociedade, existindo uma ligação ou um confronto com questões que envolvem a individualidade de um povo. Desse modo, frisamos que a literatura está intimamente ligada à época em que foi escrita, descrevendo, dessa forma, a sociedade.

Nesse sentido de reflexão, Mata (2014) salienta que as produções literárias carregam vestígios dos caminhos que marcaram culturalmente os indivíduos, antepassados e povos, considerando necessário concentrar o olhar para o autor como aquele que tem em si resquícios que fizeram parte de sua trajetória, por essas razões, carecemos enxergá-lo com base na época em que está inserido.

O conto “As mãos dos pretos” inserido na obra publicada em 1964, denominada: *Nós matamos o cão tinoxoso*, composta por sete contos e escrita pelo autor Moçambicano Luís Bernardo Honwana, a qual é relevante para a literatura africana e apresentou como contexto de produção o período em que Moçambique passava por guerras iniciadas pelos portugueses, as quais causaram modificações nas esferas sociais do país, dificultando a prosperidade da população moçambicana, são nessas circunstâncias retratadas que a obra foi publicada, ratificando a função que a literatura dispõe de descrever a sociedade.

No conto “As mãos dos pretos” são apresentadas as dúvidas e inquietações da criança em relação à cor das mãos dos pretos. Dessa maneira, objetivamos analisar a figura da criança, ressaltando os caminhos e diversas versões com as quais o garoto se depara, permeando por inúmeros discursos, sendo eles: traços de racismo, de religiosidade católica acentuada, das explorações sofridas pelos antepassados dos negros, porém, mesmo diante dos comentários discriminatórios a criança não perde o encanto e o contentamento pela infância, explora tudo com esmero e ingenuidade.

Dessa forma, analisaremos o conto, explorando os objetivos aqui mencionados, pautados nos estudos de Mata (2014), Cardoso (2013), Du Bois (1999), Fanon (2008) e Laranjeira (2000), que selecionamos mediante uma revisão de literatura. Logo, é justificável a relevância em refletir sobre a criança, o racismo e a colonização portuguesa que estão evidentes no conto representado em cada depoimento dos personagens.

ANÁLISE DO CONTO

O conto “As mãos dos pretos” porta uma dimensão pequena, proveniente, normalmente, desse tipo de gênero literário, traz um narrador personagem que é a criança, sua





idade não é especificada no desenrolar do conto, contudo, a ênfase encontra-se direcionada as suas curiosidades em responder as questões que despertaram seus interesses.

Nesse sentido, o conto é composto por sete personagens definidos pelos nomes, sendo eles: O senhor professor, Senhor Padre, Dona Dores, Antunes da Coca-Cola, Senhor Frias, Dona Estefânia e a mãe do garoto, são mencionados outros personagens que não participam ativamente do conto, bem como, não possuem os nomes revelados, suas contribuições são sucintas.

O garoto no conto encontra-se na fase infantil, esse ciclo é repleto de inquietações e perguntas que, facilmente, passariam alheias diante de um adulto, entretanto, através da percepção e sensibilidade da criança os mínimos detalhes transformam-se em constantes indagações que desacerta o íntimo do sujeito. Nessa perspectiva, acentuamos que:

[...] explorando uma curiosidade típica da infância na busca por uma resposta a uma dúvida existencial, Honwana consegue passar para o leitor a atrocidade criativa da mente humana, que revela todo o preconceito contido nas 'despretensiosas' histórias narradas por seus personagens. (CARDOSO, 2013, p. 06)

Segundo Mata (2014), a literatura africana, em sua maioria, era retratada pelo viés dos que escravizavam, ao contrário da visão apresentada por Mata (2014) e refletindo sobre a afirmação de Cardoso (2013) apresentada a cima, Honwana utiliza a voz de uma criança e os interesses incessantes por respostas, possivelmente, oriundos da fase infantil para desvendar ao leitor os diversos discursos com traços peculiares e suas correlações,

A criança inicia falando que não compreende com qual propósito o professor, o qual é chamado de “Senhor professor” como marca de autoridade, mencionava sobre as palmas das mãos dos pretos, a curiosidade despertada pelo docente com essa temática é significativa e provoca na criança a busca por respostas para a pergunta em outros personagens que apresentam versões diferentes, marcadas por inúmeros fatores, dessa forma, a criança em seu trajeto, se depara com discursos racistas, religiosos, teoria em que leu em um livro, até encontrar a explicação materna com a qual, aparentemente, o garoto se satisfaz e alcança a serenidade, concluindo sua jornada.

Os discursos escutados pela criança na sua trajetória em busca de respostas

O conto inicia-se, como dito anteriormente, com a fala do professor, sendo ele aquele que introduz o assunto e desperta a curiosidade na criança. O discurso que o professor utiliza





VII ENLIJE

é marcado por racismo e pela escravidão dos negros. Vejamos o fragmento da fala desse personagem:

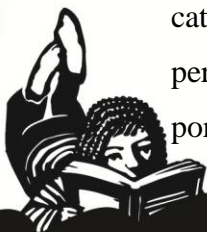
[...] o senhor professor disse um dia que as palmas das mãos dos pretos são mais claras do que o resto do corpo porque ainda há séculos os avós deles andavam com elas apoiadas ao chão como os bichos do mato, sem as exporem ao sol, que lhes ia escurecendo o resto do corpo. (HONWANA, 2014, p. 101)

O professor em sua fala busca explicar sua própria indagação, vemos isso quando o narrador diz “Já não sei que propósito é que isso vinha [...]” (HONWANA, 2014, p. 101), ou seja, essa questão supostamente era apresentada em suas aulas há um tempo e para explicá-la o professor baseia-se inicialmente em uma afirmação que retrata o processo de escravidão dos antepassados dos negros, afirmando, em relação às palmas das mãos, que eles “andavam com elas apoiadas ao chão” (HONWANA, 2014, p. 101) e depois constrói uma afirmação repleta de racismo ao compará-los aos “bichos do mato” (HONWANA, 2014, p. 101) destacamos a propagação do racismo na fala do professor e a maneira que menosprezava os negros ao mencionar esse discurso para responder a questão que lançara em aula.

A segunda versão da história contada é pelo padre, que assim como o professor é chamado pela criança por Senhor Padre, forma de tratamento que denota respeito a uma autoridade. Inicialmente, o padre “voltou a falar nisso [...]” (HONWANA, 2014, p. 101) a utilização do verbo voltar, mostra novamente que, exatamente como o professor esse tema havia sido discutido na catequese, e o conto prossegue na versão do padre: “[...] voltou a falar nisso de as mãos deles serem mais claras dizendo que isso era assim porque eles, às escondidas, andavam sempre de mãos postas, a rezar”. (HONWANA, 2014, p. 101).

Nessa narração da história vemos traços da religião cristã, em dois momentos, inicialmente: no termo catequese que é proveniente dos católicos e posteriormente: na própria explicação do padre, que frisa: “mãos postas, a rezar” (HONWANA, 2014, p. 101). Além do conteúdo religioso, é mostrado o sofrimento dos negros no próprio discurso do padre. Podemos indagar a partir da afirmação do personagem, por qual razão eles estariam sempre a rezar? Atribuímos essas características a escravidão e a todos os momentos aflitos constituindo essa resposta de maneira racista e religiosa, eles estariam sempre a rezar por causa dos padecimentos que passaram.

Em consonância com nossa análise, Cardoso (2013, p. 10) registra que “nos contos de Honwana [...] sobressai-se a religião cristã, especialmente a católica”, esses traços de catolicismo permeiam pelos outros discursos que apresentaremos mais adiante. O próximo personagem a narrar sua versão para o garoto é Dona Dolores, assim ele conta: “A Dona Dolores, por exemplo, disse-me que Deus fez-lhe as mãos assim mais claras para não sujeitá-la a sofrer.” (HONWANA, 2014, p. 101)





VII ENLIJE

que fazem para os seus patrões ou qualquer outra coisa que lhes mandem fazer e que não deva ficar senão limpa”. (HONWANA, 2014, p. 101).

É evidenciado claramente o traço religioso e racista presente no discurso apresentado por Dona Dores, “[...] a religião é usada para justificar (ou até mesmo legitimar) o caráter extremamente preconceituoso em relação ao negro [...]” (CARDOSO, 2013, p. 11), ela constitui uma ligação entre a cor preta e a impureza, a cor preta relacionada à sujeira, esses argumentos são expostos com base no propósito de Deus, segundo a personagem. Por outro viés, a cor branca é associada à limpeza, por essa razão segundo Dona Dores as palmas das mãos dos pretos são brancas para que não contaminem os alimentos que produzem, Dona Dores afirma que Deus fez os negros para eles serem servos, o verbo mandar, constata a posição de escravos, de mandados.

O próximo a contar a história é o Senhor Antunes da Coca-Cola, esse complemento ao nome dele, deve-se ao período colonial que Moçambique passara em 1964 onde a Coca-Cola estava chegando ao País. O fragmento a seguir apresenta o discurso do Senhor Antunes:

Antigamente, há muito anos, Deus, Nosso Senhor Jesus Cristo, Virgem Maria, São Pedro, muitos outros tantos, todos os anjos que nessa altura estavam no céu e algumas pessoas que tinham morrido e ido para o céu, fizeram uma reunião e resolveram fazer pretos. Sabes como? Pegaram em barro, enfiaram-no em moldes usados e para cozer o barro das criaturas levaram-nas para os fornos celestes; como tinham pressa e não houvesse lugar nenhum ao pé do brasido, penduraram-nas nas chaminés. Fumo, fumo, fumo e aí os tens escurinhos como carvões. E tu agora queres saber por que é que as mãos deles ficaram brancas? Pois então se eles tiveram de se agarrar enquanto o barro deles cozia?! (HONWANA, 2014, p. 101)

A versão contada pelo Senhor Antunes, envolve a história do criacionismo, contido na Bíblia, o qual afirma que os seres humanos vieram do barro, em conformidade com a afirmação que expomos, Cardoso (2013) salienta que na explicação apresentada à formação do indivíduo é fundamentada em uma crença, ressaltando que a mais notória é, justamente, a que alude o barro como instrumento de geração do ser humano.

Dando seguimento, na teoria explanada, os negros não foram cozidos nos fornos do céu e sim pendurados “nas chaminés” (HONWANA, 2014, p. 101). Essa afirmação demonstra o preconceito e a falta de seriedade com a qual ele discursava diante do garoto. Nessa perspectiva, a cor da pele não pode ser atribuída a esse discurso dotado de traços insultuosos, dessa forma, apreciamos a relevância em evidenciar a visão de um negro, sobre o que é ser negro e sentir-se negro: “Se sou negro não é por causa de uma maldição, mas porque, tendo estendido minha pele, pude captar todos os eflúvios cósmicos. Eu sou verdadeiramente uma





VII ENLIJE

gota de sol sob a terra”. (FANON, 2008, p. 56), não são por motivos explicitados durante os discursos que a criança ouviu, não foi por causa de falta de fornos, como afirmou Senhor Antunes, concordamos fortemente com Fanon (2008), não é uma maldição.

A fala do Senhor Antunes, possui em seu encerramento, além dos elementos destacados, como racismo e explicação religiosa aflorada, ironia, pois afirma que “eles tiveram de se agarrar enquanto o barro cozia?!” (HONWANA, 2014, p. 101), notamos o escárnio nesse discurso de forma exorbitante.

Nessa continuidade, acerca do escárnio, temos os outros senhores que não são detalhados os seus nomes, mas suas participações no conto confirma o tom de sarcasmo mostrado na fala do Senhor Antunes: “Depois de contar isto o Senhor Antunes e os outros Senhores que estavam à minha volta desatara a rir, todos satisfeitos” (HONWANA, 2014, p. 101), começaram a rir do que o Senhor Antunes contara e também da versão racista e religiosa que escutaram, porém não pararam para refletir sobre as questões de preconceito racial em relação ao outro, apenas satirizaram um conteúdo que não entrava no viés da brincadeira sem congruência.

A criança continua registrando sua jornada de inquietações em busca de respostas, ele narra agora a versão do Senhor Frias que começou afirmando que tudo que ouvira antes “era uma grandíssima pêta” (HONWANA, 2014, p. 101), então prosseguiu com sua história:

(...) que Deus acabava de fazer os homens e mandava-os tomar banho num lago do céu. Depois do banho as pessoas estavam branquinhas. Os pretos, como foram feitos de madrugada e a essa hora a água do lago estivesse muito fria, só tinham molhado as palmas das mãos e as plantas dos pés, antes de se vestirem e virem para o mundo. (HONWANA 2014, p. 101-102)

Primeiramente, o Senhor Frias apresenta a versão do criacionismo cristão, assim como, os outros personagens ele fala que após os homens serem criados era preciso que tomassem banhos para atingirem a cor branca. É frisado na história que apenas os pretos “foram feitos de madrugada” (HONWANA, 2014, p.102), Fanon ao se referir as formas de exploração ocorridas durante o processo de colonização, destaca que: “Todas as formas de exploração se parecem. Todas elas procuram sua necessidade em algum decreto bíblico [...]” (FANON, 2008, p. 87), na explanação do Senhor Frias vemos traços de religião como meio de declarar o racismo de forma evidente ao destacar que, os pretos especificamente, foram feitos de madrugada.

Nesse sentido, retrata-se uma mostra de exclusão relacionada à cor da pele, principalmente ao fato de sobrar pouca água, unicamente, para os negros banharem-se. Nessa





VII ENLIJE

reflexão sobre o racismo, demanda vigente durante o conto, Fanon (2008) dotado de uma peculiaridade fascinante descreve que por ser negro contém a possibilidade de efetuar uma incorporação com o universo e um envolvimento com o solo, resultando em uma ausência do próprio ser no meio do universo.

Nesse sentido, ponderamos que a cor da pele não determina o sujeito, bem como, não impõe os seus sentimentos em relação à vida e ao mundo que o rodeia, quem apresenta a visão saturada de racismo, com o intuito de reduzir os sujeitos por causa de suas características biológicas são os opressores, são os racistas, os cruéis.

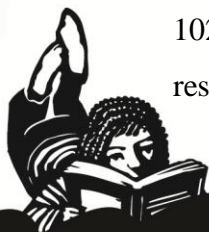
Após ouvir atentamente todas as histórias contadas, a criança busca em sua memória algo que havia lido em um livro e relata: “Mas eu li num livro que por acaso falava nisso, que os pretos têm as mãos assim mais claras por viverem encurvados, sempre a apanhar o algodão branco de Virgínia e de mais não sei aonde”. (HONWANA, 2014, p. 102).

A visão do livro lido pela criança apresenta a versão da escravidão ao mencionar: “sempre a apanhar algodão branco” (HONWANA, 2014, p. 102) o lugar Virgínia é um dos estados que pertence aos Estados Unidos e que possui muito algodão, sendo umas das riquezas do estado.

A visão de Dona Estefânia é contada pela criança a seguir: “[...] Dona Estefânia não concordou quando eu lhe disse isso. Para ela é só por as mãos desbotarem à força de tão lavadas”. (HONWANA, 2014, p. 102). O discurso de Dona Estefânia possui conectividade com o de Dona Dores, pois, ligam a cor da pele à sujeira, porém, nessa versão é falado que as mãos são brancas por serem muito lavadas, o termo “à força” é utilizado pelo autor para demonstrar o período de escravidão, ou seja, lavavam as mãos por serem pretas e assim, são relacionadas a sujeira, depois de lavar, supostamente, ficariam brancas. As versões de Dona Estefânia e Dona Dores apresentam pontos em comum, todavia, cada uma com suas particularidades.

A resposta materna: do sofrimento a igualdade

Depois de escutar todas as respostas, incluindo a versão do livro, o garoto tinha certeza que apenas sua mãe lhe apresentaria o discurso correto: “A minha mãe é a única que deve ter razão” (HONWANA, 2014, p. 102), dessa forma, a criança começa a contar para a mãe tudo que ouviu dos outros indivíduos e “[...] ela já estava farta de se rir” (HONWANA, 2014, p. 102). A mãe ria abundantemente do que o filho contara, porém procedeu e contou-lhe sua resposta para cessar as dúvidas que inquietavam seu filho:





VII ENLIJE

Deus fez os pretos porque tinha de os haver. Tinha de os haver, meu filho, Ele pensou que realmente tinha de os haver... Depois arrependeu-se de os ter feito porque os outros homens se riam deles e levavam-nos para as casas deles para os pôr a servir como escravos ou pouco mais. Mas como Ele já os não pudesse fazer ficar todos brancos porque os que já se tinham habituado a vê-los pretos reclamariam, fez com que as palmas das mãos deles ficassem exatamente como as palmas das mãos dos outros homens. E sabes porque é que foi? Claro que não sabes e não admira porque muitos e muitos não sabem. Pois olha: foi para mostrar que o que os homens fazem, é apenas obra de homens... Que o que os homens fazem, é feito por mãos iguais, mãos de pessoas que se tiverem juízo sabem que antes de serem qualquer outra coisa são homens. Deve ter sido a pensar assim que Ele fez com que as mãos dos pretos fossem iguais às mãos dos homens que dão graças a Deus por não serem pretos. (HONWANA, 2014, p. 102)

Na frase “Deus fez os pretos porque tinha de os haver” (HONWANA, 2014, p. 102), a mãe afirma que eles tinham de existir com um propósito, o discurso apresenta então uma explicação pautada nas raízes cristã, visto que “Deus” é a figura predominante e relacionada a criação da humanidade nessa corrente de crenças. Seguindo na análise, um dos trechos que retrata a escravidão é: “Depois arrependeu-se de os ter feito porque os outros homens se riam deles e levavam-nos para as casas deles para os pôr a servir como escravo ou pouco mais”. (HONWANA, 2014, p. 102), vemos que ela descreve o fato da escravidão, os homes brancos escravizaram e zombaram da cor da pele dos negros.

Nesse sentido, a mãe segue explicando: “[...] fez com que as palmas das mãos deles ficassem exatamente como as palmas das mãos dos outros homens” (HONWANA, 2014, p. 102), nesse trecho do discurso, a mãe mostra a forma que segunda ela, Deus, conseguiu para que os negros e brancos possuíssem um ponto em comum, uma igualdade, para que assim fosse possível notar o quanto são semelhantes.

Ela continua narrando sua versão: “E sabes porque é que foi? Claro que não sabes e não admira porque muitos e muitos não sabem” (HONWANA, 2014, p. 102), nesse trecho, contemplamos que a versão da mãe, segundo ela, é desconhecida pelo filho e pelos demais senhores. Dessa forma, salientamos que mesmo a versão da mãe possuindo conexões de semelhança com os outros discursos contados para o garoto, ela se difere em alguns aspectos das outras falas que se baseavam no discurso religioso, pois apresentam questões que refletem sobre a igualdade entre os homens.

Segundo Du Bois, o homem negro sempre foi tido como algo estranho e inexplicável. Apesar do autor falar a respeito do homem negro norte-americano, conforme o filósofo:

Após os egípcios e os indianos, os gregos e os romanos, do teutônios e os mongóis, o negro é uma espécie de sétimo filho, nascido com um véu e dotado de uma clarividência, neste mundo americano - um mundo que não lhe permite produzir





VII ENLIJE

uma verdadeira consciência, que apenas lhe assegura e se descubre através da revelação do outro. É uma sensação peculiar, essa dupla-consciência [...]. (DU BOIS, 1999, p. 39).

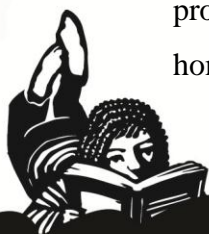
Nesse sentido, não é enxergada a individualidade do negro enquanto sujeito, ou seja, ele começa a “olhar a si próprio através dos olhos de outros, de medir um sentimento através da métrica de um mundo que o contempla com divertido desprezo e pena [...]” (DU BOIS, 1999, p. 39), cabe salientar que os conceitos são construídos com base no que pensa a sociedade racista e preconceituosa influenciando diretamente a vida dos indivíduos negros que passam a serem discriminados por questões relacionadas à cor da pele.

Nesse seguimento, Du Bois (1999, p. 39) salienta “[...] que o sangue negro tem uma mensagem para o mundo”, o sangue negro contém relevante representatividade na sociedade, e porta a mensagem de que, exatamente como os demais indivíduos dispõem do direito da “[...] liberdade de viver e desfrutar, a liberdade de trabalhar e de pensar, a liberdade de amar e almejar”. (DU BOIS, 1999, p. 45), os negros são espelhos dos que os outros seres humanos são capazes de fazer com seus semelhantes, do mesmo modo que, manifesta através de suas trajetórias enquanto sujeitos fortes marcas de resistência, luta, superação e conforme o autor referido, de liberdade para usufruir das vivências agradáveis que os caminhos da existência oportunizam.

Por essas razões elucidadas, nas quais o preconceito apresenta-se de maneira evidente, a mãe procura explicar ao filho o porquê desse tratamento em relação ao negro. Desse modo, ela continua explicando: “Que o que os homens fazem, é feito por mãos iguais, mãos de pessoas que se tivessem juízo sabem que antes de serem qualquer outra coisa são homens” (HONWANA, 2014, p. 102), necessitamos conhecer e adquirir uma “orgulhosa afirmação das qualidades e potencialidades do homem africano” (LARANJEIRA, 2000, p. 237), o discurso explanado pela mãe acentua mais uma vez a igualdade entre os homens independente de suas raízes étnicas, confirmamos o quanto os africanos são fortes e iguais aos brancos, isto é, igual a qualquer outro ser humano, somos todos semelhantes mesmo em nossas especificidades.

Nessa perspectiva é confirmado no encerramento de sua explicação: “Deve ter sido a pensar assim que Ele fez com que as mãos dos pretos fossem iguais as mãos dos homens que dão graças a Deus por não serem preto”. (HONWANA, 2014, p. 102), dessa forma, o ponto de igualdade destacado na versão contada pela mãe da criança fica evidente a cada pronunciamento, ela destaca que as palmas das mãos da mesma cor foram criadas para que os homens percebessem que independente de qualquer situação externa, eles são iguais.

(83) 3322.3222
contato@enlije.com.br
www.enlije.com.br





O conto encerra com o seguinte fragmento: “Quando fui para o quintal, para jogar bola, ia a pensar que nunca tinha visto uma pessoa chorar tanto sem que ninguém lhe tivesse batido”. (HONWANA, 2014, p. 102). A mãe do garoto chorava, pois lamentava a dor de seus antepassados, os quais sofreram antes dela. O choro é uma demonstração do quanto ela sofria pelo que os povos dos quais ela era descendente suportaram.

De acordo com Laranjeira (2000, p. 242) “a negritude introduz no discurso literário o discurso do homem negro em nível intercontinental, ultrapassando as diferenças de classe, condição e cultura [...]”, nessa perspectiva de reflexão, constatamos os vários discursos que contém as mais variadas diferenças/marcas culturais e sociais, assim, torna-se possível conhecer de forma sucinta o discurso do negro, principalmente durante a explanação da mãe do garoto.

Marcas de infância

Consideramos importante destacar as marcas de infância encontradas no conto que reflete sobre a inocência da criança e sua maneira descontraída e investigativa com a qual permanece durante toda a trajetória de busca. Nesse sentido, após ouvir a versão da história contada pelo padre, é retratado o que a criança achava da questão que envolvia as palmas das mãos dos pretos, ele diz: “Eu achei um piadão tal a essa coisa de as mãos dos pretos serem mais claras (...)” (HONWANA, 2014, p. 101), é mostrado o quanto o garoto achava aquilo tudo engraçado e sem muito sentido, porém, interessante a ponto de lhe despertar curiosidade pela possível resolução daquela pergunta lançada pelo professor.

Assim, o garoto segue contando: “[...] agora é ver-me a não largar seja quem for enquanto não me disser porque é que eles têm as palmas das mãos assim tão claras”. (HONWANA, 2014, p. 101), a afirmação do garoto representa uma marca de persistência relacionado a sua busca por respostas.

No encerramento do conto, observamos marcas da infância no fragmento: “Quando fugi para o quintal, para jogar bola [...]” (HONWANA, 2014, p. 102), o ato de jogar bola retrata a vitalidade da infância que constituí o cotidiano das crianças que brincam alegremente com brinquedos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a finalidade proposta nesse estudo de analisar a figura da criança repleta de dilemas e seu itinerário em busca de uma resolução para suas dúvidas, bem como, ponderar





VII ENLIJE

sobre o racismo, as questões religiosas e o discurso de igualdade, com os quais o garoto se depara em suas veredas abundantes de histórias diversas, compreendemos que a representação da criança no conto expõe um fator relevante sobre a fase infantil do garoto, que mesmo diante das alocações atulhadas de sentimentos de indiferença correlacionadas aos negros, mantém sua ingenuidade e, principalmente, a perseverança em desvendar por qual razão as mãos dos pretos são da cor branca.

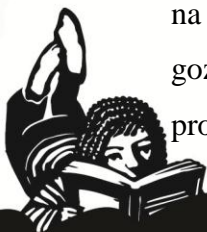
Frantz Fanon, psiquiatra e escritor, constrói a análise do homem negro a partir de sua visibilidade, pois, segundo o autor, através do olhar do homem branco ele se conscientiza de sua conjuntura de escravo e subjugado. E nas palavras de Fanon fica evidente que ao passarmos para a discussão em torno do menino curioso com a pergunta por que as palmas das mãos dos negros são sempre mais claras do que o resto do corpo. Fanon descreve a forma de como era visto pelo olhar do outro, no caso, o colonizador branco: “Era a raiva; eu era odiado, detestado, desprezado [...] por toda uma raça. [...] Os psicanalistas dizem que não há nada de mais traumatizante que o contacto com o racional”. (FANON, 2008, p. 110).

A criança escutou inúmeras versões para a pergunta que estava em sua mente deparando-se com versões: racistas, religiosa de forma exacerbada e equivocada, teoria em que encontrou em um livro e com a versão da mãe que retrata igualdade entre os homens enquanto reflete sobre o processo de colonização sofrido pelos seus povos de outrora.

A marca de infância é explicitada através de algumas falas da criança, exclusivamente, quando relata que joga bola no quintal de sua casa, do mesmo modo que, quando destaca que considera a história das mãos dos pretos serem brancas um gracejo, esses fragmentos do conto, demonstra a figura da criança em meio há um contexto não favorável ao que se refere aos direitos e igualdade humana, porém, mostra a fase da pureza e meninice.

Desse modo, além de constatarmos marcas que remetem a infância do garoto, algo detém a atenção fortemente, que é, justamente, sua persistência em responder aquela pergunta lançada inicialmente pelo professor, a qual lhe causa desconforto, mesmo entrando em contato com vários indivíduos a espera da resposta, em seu íntimo, a criança sabia que sua mãe responderia da forma mais coerente, fato que exatamente ocorreu e está mostrado tanto no conto quanto em nossa análise.

Portanto, é inescusável enfatizar que o conto “As mãos dos pretos”, de Luís Bernardo Honwana apresenta em sua narrativa questões relacionadas a diversos fatores que perpetuam na sociedade atualmente e, evidenciamos que tais abordagens de racismo, preconceito e gozação, como um ato alusivo a cor dos negros, exige estudos que aprofundem essa problemática.





VII ENLIJE

REFERÊNCIAS

CARDOSO, Laís de Almeida. **Literatura, Sociedade e Identidade Cultural**: um diálogo entre “As mãos dos pretos”, de Luis Bernardo Honwana, “Por que o negro é preto”, de Câmara Cascudo, e *Macunaíma*, de Mário de Andrade. In: Revista Crioula, n. 13 (2013). São Paulo, USP, 2013. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/crioula/article/view/64227/66916>> Acesso em 11 ago. 2015.

DU BOIS, W.E.B. **As Almas do povo Negro**. Tradução de José Luiz Pereira da Costa. Rio de Janeiro: Lacerda, 1999.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

HONWANA, Luís Bernardo. As mãos dos pretos. In: _____ **Nós matamos o cão tihoso**. Moçambique: Alcance editores, 2014. Disponível em: <<http://livrandante.com.br/2017/05/28/luis-bernardo-honwana-nos-matamos-o-cao-tihoso/>> Acesso em 03 de ago. 2015.

LARANJEIRA, Pires. **As literaturas africanas de língua portuguesa-identidades e autonomia**. Belo Horizonte: Scripta, v.3, n. 6, p.237-244, 2000.

MATA, Inocência. **Estudos pós-coloniais**: desconstruindo genealogias eurocêtricas. Porto Alegre: Civitas, v.14, n.1, p.22-42, 2014

